

Almada, da dança das formas à imaginação



16 a 30 maio 2017
cinemateca

Almada, da dança das formas à imaginação

Ao longo de cerca de 60 anos, José de Almada Negreiros (1893-1970) desenvolveu uma obra multidisciplinar que atravessou o século XX, cruzando a pintura, o desenho, a escrita, a dança, o teatro, a arquitetura, mas também o cinema, como revela a exposição “José de Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno” patente no Museu Calouste Gulbenkian, em colaboração com a qual foi concebido este programa. Uma exposição que insiste nesta “conceção heteróclita do artista moderno, desdobrado por múltiplos ofícios”.

A par de um conjunto de ensaios sobre cinema ou de alusões ao cinema em textos de cariz mais literário, em que interroga as propriedades do meio e a sua especificidade enquanto arte, Almada apresenta um vasto trabalho na área, que inclui os cartazes e o genérico do filme A CANÇÃO DE LISBOA (1933), cartazes e outros materiais promocionais que concebeu para a Paramount, inúmeros desenhos, os painéis em gesso que fez para a decoração do Cine San Carlos na sua passagem por Espanha no final dos anos vinte, e ainda duas lanternas mágicas desenhadas. Como ator, participou no filme perdido de Mário Huguin, O CONDENADO (1921), e, como realizador, chegou a projetar um filme animado com desenhos geométricos, ou um outro sobre Amadeo de Souza-Cardoso, ideias que nunca concretizou.

Não pretendendo dar conta de todas estas vertentes, o programa concentra-se num conjunto de filmes e de relações entre filmes que apontam para modos concretos de pensar a relação da obra de Almada com o cinema. Na conferência da estreia em Lisboa de BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (1938), que intitulou “Desenhos Animados, Realidade Imaginada”, Almada deixou pistas em vários sentidos ao enaltecer o cinema de animação da Disney enquanto produto da imaginação ou o regresso do cinema à lanterna mágica.

E é entre o universo efabulatório de Walt Disney e as possibilidades da animação abstrata que situamos o “cinema de Almada”, como o situamos entre o trabalho das vanguardas e um cinema mais narrativo dominado pela presença e pela gestualidade de grandes atores (Greta Garbo, Chaplin, mas também Isabel Ruth) ou por uma conceção de arte total devedora dos famosos Ballets Russes, para os quais Almada escreveu um importante manifesto. Mas pensar a relação de Almada com o cinema é antes de mais pensar o cinema enquanto arte por excelência da modernidade, arte do movimento e da metamorfose permanente conotada com a velocidade e com a dança das formas, mas também como arte da imaginação que convoca tantas outras artes.

O Programa inaugura com ALMADA, UM NOME DE GUERRA, “mixed media” de Ernesto Sousa que assume um discurso extremamente singular sobre a obra de Almada e termina com um regresso à magia de Méliès e aos primórdios do cinema e a primeira projeção de seis vidros originais para lanterna mágica de Almada, recém-descobertos.



► Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [16] 19:00

ALMADA, UM NOME DE GUERRA

de Ernesto de Sousa

Portugal, 1969-1983 – 40 min | M/12

Reinterpretação do “mixed media” de Ernesto Sousa, composto por várias projeções fílmicas e projeções de slides em simultâneo e por uma elaborada componente sonora, que combina a música de Jorge Peixinho com a voz de Almada Negreiros. Se o material central de ALMADA, UM NOME DE GUERRA é um filme que retrata vários aspetos do trabalho de Almada, Ernesto de Sousa preferia classificar o projeto como um antifilme ou como evento multidisciplinar que partia do interesse de um artista pelo trabalho de outro artista e do reconhecimento do seu papel essencial na renovação das vanguardas. A primeira apresentação pública de ALMADA, UM NOME DE GUERRA ocorreria em 1979, seguindo-se várias outras. Um filme-performance singularíssimo, cuja apresentação se realiza pela segunda vez na Cinemateca, constituindo cada uma delas um momento único irrepetível.

► Sala Luís de Pina | Qui. [18] 18:30

LE BALLET MÉCANIQUE

de Fernand Léger

França, 1924 – 15 min / mudo, sem intertítulos

THE CIRCUS

O Circo

de Charles Chaplin

com Charles Chaplin, Allan Garcia, Merna Kennedy

Estados Unidos, 1927 – 70 min / mudo, intertítulos em inglês, legendados em português

duração total da projeção: 85 min | M/6

É uma representação cubista de Charlot que introduz LE BALLET MÉCANIQUE, grande clássico das



vanguardas cinematográficas dos anos vinte que revela como Chaplin é uma figura transversal a todo um universo fascinado pelas novas possibilidades do cinema enquanto arte. Como o título e o argumento o indicam, THE CIRCUS é uma homenagem ao circo pelo mais sublime “clown” de todos os tempos: Charlot, o vagabundo que vai trabalhar num circo e por acaso se torna uma vedeta. Na opinião de Jean Mitry, autor de um importante estudo sobre Chaplin, “de todos os grandes filmes de Charlot, THE CIRCUS talvez seja o mais equilibrado.” A profunda admiração de Almada Negreiros por Chaplin está bem espelhada em vários textos que escreveu em que o classifica (a par de Méliès e Walt Disney) como um dos maiores génios do cinema. Os “motivos” são obviamente muitos.

► Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [19] 21:30

THE THIEF OF BAGDAD

O Ladrão de Bagdad

de Raoul Walsh

com Douglas Fairbanks, Julianne Johnston, Anna May Wong,

Sojin, Brandon Hurst, Snitz Edwards, Charles Belcher

Estados Unidos, 1924 – 155 min / mudo, intertítulos em inglês, legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO

Uma deslumbrante fantasia oriental inspirada nos contos das *Mil e Uma Noites*, produzida e interpretada por Douglas Fairbanks. Seguem-se as aventuras de Ahmed, um ágil e hábil ladrão que se apaixona pela princesa de Bagdad e parte à descoberta do objeto mais precioso do mundo para obter a sua mão. O filme destaca-se pelos deslumbrantes cenários e figurinos muito influenciados pelo trabalho do cenógrafo e pintor Léon Bakst para os Ballets Russes e em concreto para o espetáculo *Scheherazade*.

A propósito da sua vinda a Portugal em 1917, Almada escreveria o célebre *Manifesto dos Bailados Russos em Lisboa*, texto único que os considera como paradigma do seu tempo na sua “compreensão feliz da Arte moderna”. O diálogo que então estabelece com a companhia de Diaghilev será determinante no contexto da sua obra plástica e nos bailados por si concebidos enquanto dançarino, coreógrafo e figurinista. A apresentar em cópia digital.

► Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [22] 15:30

THE RED SHOES

Os Sapatos Vermelhos

de Michael Powell, Emeric Pressburger

com Anton Walbrook, Moira Shearer, Esmond Knight

Reino Unido, 1948 – 136 min / legendado eletronicamente em português | M/6

Uma das obras-primas do cinema britânico da década de quarenta, que tem por tema a relação entre a vida e a arte. Guiada por um empresário visivelmente inspirado na figura de Diaghilev, uma jovem bailarina torna-se uma estrela, mas tem de enfrentar o dilema entre entregar-se inteiramente à carreira ou sacrificar o amor. A fotografia em Technicolor de Jack Cardiff, a fabulosa direção artística de Hein Heckroth e a música de Brian Easdale construíram um dos mais belos musicais de sempre. Léonide Massine, que entre 1915 e 1921 foi o principal coreógrafo dos Ballets Russes de Diaghilev, tem aqui um dos seus mais importantes papéis no cinema, coreografando e dançando uma importante sequência do filme. De Powell/Pressburger a Almada e ao seu bailado *A Princesa dos Sapatos de Ferro* (1918), são vários os universos que se fundem sob o signo da explosão da cor, da dança e da imaginação. A apresentar em cópia digital.



► Sala Luís de Pina | Ter. [23] 18:30

RITMI DI STAZIONI, IMPRESSIONI DI VITA N.1

de Corrado D'Errico

Itália, 1933 – 8 min / mudo (musicado), sem intertítulos

DOURO FAINA FLUVIAL

de Manoel de Oliveira

Portugal, 1931 – 18 min / mudo, sem intertítulos

BERLIN, DIE SYMPHONIE DER GROSSTADT

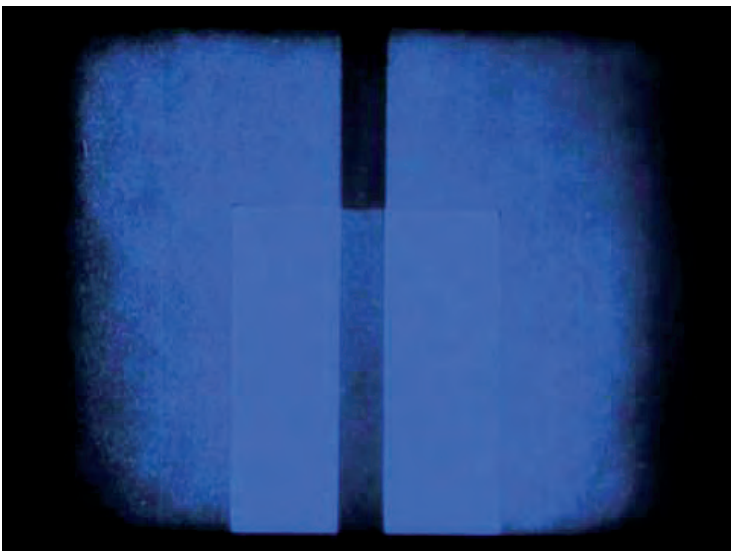
Berlim, Sinfonia de uma Capital

de Walter Ruttmann

Alemanha, 1927 – 66 min / mudo, sem intertítulos

duração total da projeção: 92 min | M/6

BERLIN, DIE SYMPHONIE DER GROSSTADT é o mais célebre e o mais perfeito dos filmes feitos em meados dos anos vinte sobre as diversas atividades de uma cidade, que é a protagonista do filme. Foi esta obra de Ruttmann que deu nome a um género: sinfonias urbanas. Os três filmes da sessão evocam uma modernidade conotada com o ritmo das cidades, retratadas em toda a sua energia vital. A abrir, RITMI DI STAZIONI, do italiano Corrado D'Errico, revela o fascínio futurista pelas máquinas e pela velocidade para se transformar num bailado de rimas visuais e ritmos formais de grande intensidade. DOURO, FAINA FLUVIAL é o primeiro grande momento da obra de Manoel de Oliveira, que, para este filme, colheu forte inspiração no “filme-sinfonia” de Ruttmann. RITMI DI STAZIONI é exibido pela primeira vez na Cinemateca.



► Sala Luís de Pina | Qua. [24] 18:30

LICHTSPIEL OPUS I, II, III, IV

de Walter Ruttmann

Alemanha, 1921, 1921, 1924, 1925 – 11 min, 4 min, 4 min, 4 min
mudos, sem intertítulos

RHYTHMUS 23

de Hans Richter

Alemanha, 1923 – 3 min / mudo, sem intertítulos

SYMPHONIE DIAGONALE

de Viking Eggeling

Alemanha, 1924 – 7 min / mudo, sem intertítulos

SILLY SYMPHONIES DE WALT DISNEY

MUSIC LAND

de Wilfred Jackson

THE COUNTRY COUSIN

de David Hand

THE OLD MILL

de Wilfred Jackson

Estados Unidos, 1936, 1936, 1937 – 10 min, 9 min, 9 min / sem legendas
duração total da projeção: 61 min | M/6

Dos pioneiros de um cinema abstrato a filmes

produzidos por Disney, esta é uma sessão que aponta para o vasto campo de possibilidades do cinema de animação. Os primeiros títulos são obras experimentais compostas pelo movimento de formas geométricas, da luz e da cor, que se encadeiam numa dança visual em que o ritmo é uma componente essencial. Frequentemente conotados com o cubismo, o dadaísmo ou o construtivismo, os filmes convocam livremente o universo modernista de Almada, que por ocasião da estreia de SNOW WHITE em 1938 fazia uma apologia do cinema da Disney pela sua capacidade de transfiguração. Não exibimos SNOW WHITE, mas três das mais geniais “Silly Symphonies”, curtas-metragens da mesma altura em que o trabalho de animação da Disney atinge uma depuração extraordinária e cujos motivos – os ritmos do jazz, a velocidade da vida nas cidades... – são surpreendentemente modernos.

► Sala Luís de Pina | Qui. [25] 18:30

DANSE SERPENTINE

de Louis Lumière

França, 1896 – 1 min / mudo, sem intertítulos

ENTR'ACTE

de René Clair

com Man Ray, Max Ernst, Erik Satie

França, 1924 – 22 min / mudo, intertítulos em francês, legendados eletronicamente em português

ARABESQUES / ÉTUDE CINÉGRAPHIQUE SUR UNE ARABESQUE

de Germaine Dulac

França, 1929 – 5 min / mudo, sem intertítulos

L'HIPPOCAMPE

de Jean Painlevé

França, 1933 – 14 min / legendado eletronicamente em português

LA VILLA SANTO SOSPIR

de Jean Cocteau

com Jean Cocteau

França, 1952 – 38 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 78 min | M/12

Uma ideia de vitalismo metamórfico ou o princípio formal do arabesco atravessam uma sessão organizada em torno de afinidades artísticas, do movimento do cinema e da imaginação, cuja introdução cabe à famosa “danse serpentine” criada por Loie Fuller, e que encontra um dos seus momentos mais explícitos no “estudo” de Dulac. ENTR'ACTE (“Intervalo”) foi originalmente composto para o espetáculo *Relâche* (“Teatro Fechado”), de Francis Picabia. Avançando por associações, desemboca num funeral que se transforma em perseguição. A música original é de Erik Satie e, numa das sequências iniciais, Man Ray e Marcel Duchamp jogam xadrez. L'HIPPOCAMPE é um “documentário científico” que fascinou os surrealistas.



Registo do ciclo vital do cavalo-marinho, é também um filme poético de imagens submersas, aceleradas e desaceleradas, grandes planos, movimentos de câmara, formas e pontos de luz que dão a ver o desejo de tornar visível o que o não é. Em LA VILLA SANTO SOSPIR, ensaio poético-documental da autoria de Jean Cocteau, artista verdadeiramente multifacetado, este guia-nos através dos frescos que pintou diretamente nas paredes da “villa”.

► Sala Luís de Pina | Sex. [26] 18:30

LA FÊTE ESPAGNOLE

de Germaine Dulac

com Ève Francis, Gabriel Gabrio

França, 1919 – 8 min / mudo, sem intertítulos

THE KISS

O Beijo

de Jacques Feyder

com Greta Garbo, Conrad Nagel, Anders Randolf

Estados Unidos, 1929 – 89 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português

duração total da projeção: 97 min | M/12

Do filme de Germaine Dulac é apresentado apenas um fragmento sobrevivente. Como escreveu Langlois sobre os membros desta Primeira Vanguarda do cinema francês, para eles “estes filmes, não eram o ponto culminante do cinema, mas o início de uma arte nova”. LA FÊTE ESPAGNOLE, na sua relação com um imaginário espanhol, é um exemplo de um cinema mais narrativo realizado por Dulac, que tanto na prática como na teoria se iria dedicar a uma pesquisa sobre as especificidades do cinema. THE KISS é o último filme mudo de Garbo, embora incluindo dois importantes efeitos sonoros (o disparo de uma arma e o toque de um telefone). Diz-se, aliás, que THE KISS só foi mudo

porque a MGM receava a reação do público à voz de Garbo. Jacques Feyder dirige brilhantemente este “courtroom melodrama”, em que Garbo é ré por um crime que não cometeu, mas cuja responsabilidade, por amor, assumiu. De modos diferentes, os dois filmes convocam o universo de Almada Negreiros, que consagraria um desenho a Greta Garbo depois de ter visto o filme de Feyder em Madrid. LA FÊTE ESPAGNOLE é exibido em cópia digital.

► Sala Luís de Pina | Sáb. [27] 18:30

OS VERDES ANOS

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Rui Gomes, Ruy Furtado, Paulo Renato

Portugal, 1963 – 85 min | M/12

“É a história da iniciação de dois jovens provincianos nos problemas da cidade e do amor” (Paulo Rocha). O primeiro filme de Paulo Rocha é um olhar sobre Lisboa, desencantado, terno e amargo. O filme que, juntamente com BELARMINO, de Fernando Lopes, marca o arranque do Cinema Novo Português e o começo de uma nova geração de atores e técnicos do cinema português. É também indissociável do tema original de Carlos Paredes, na sua primeira composição para cinema. Filme há muito “aguardado” por Almada Negreiros, como confessa num texto inédito dedicado a VERDES ANOS, onde exaltou sobretudo a presença de Isabel Ruth: “A humilde protagonista anda, sabe andar, não sabe que sabe andar, e assim soubesse também viver. A fotogenia de Isabel Ruth e o espetáculo irredigível da sua atuação na humilde personagem, merecem ambas o título mais difícil entre portuguesas, o título de ‘a Portuguesa’. Isabel Ruth deve-o a Paulo Rocha.”

► Sala Luís de Pina | Seg. [29] 18:30

ALMADA NEGREIROS, VIVO, HOJE, POR ANTÓNIO DE MACEDO

de António de Macedo

com Almada Negreiros, Natália Correia, David Mourão

Ferreira

Portugal, 1969 – 26 min

ENTREVISTA AO ZIP-ZIP

Portugal, 1969 – 24 min

SWK4

de Edgar Pêra

com Duarte Barrilaro Ruas, Fernando Candeias,

Manuel João Vieira

Portugal, 1993 – 33 min

duração total da projeção: 83 min | M/12

ALMADA NEGREIROS, VIVO, HOJE foi realizado um ano antes da morte de Almada Negreiros, aos 77 anos e, através do recurso à entrevista, revela como o artista manteve sempre o espírito aberto e subversivo associado à sua imensa criatividade. Macedo filma algumas das suas obras como os vitrais da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, os painéis da Fundação Calouste Gulbenkian ou da Gare Marítima, mas também retrata Almada num passeio no campo ou no espaço do seu atelier. Um documento único sobre a obra do artista, complementado por uma entrevista histórica de Almada ao Programa ZIP-ZIP em 1969 para a qual Raúl Solnado se terá preparado com a colaboração de Ernesto de Sousa. SWK4 foi realizado para a exposição do Centenário de Almada que decorreu no CCB propondo-se a retratar “os universos futuristas, proto-surrealistas, sensacionalistas e modernistas de Almada Negreiros”.

► Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [30] 19:00

PROJEÇÃO DE VIDROS DE ALMADA

Portugal, 1929 – 5 min / projeção muda com lanterna mágica

LA LANTERNE MAGIQUE

de Georges Méliès

França, 1903 – 5 min / mudo

DIE ABENTUEUR DES PRINZEN ACHMED

As Aventuras do Príncipe Achmed

de Lotte Reiniger, Carl Koch

Alemanha, 1926 – 55 min / mudo, intertítulos em inglês, legendados eletronicamente em português

O NAUFRÁGIO DA ÍNSUA

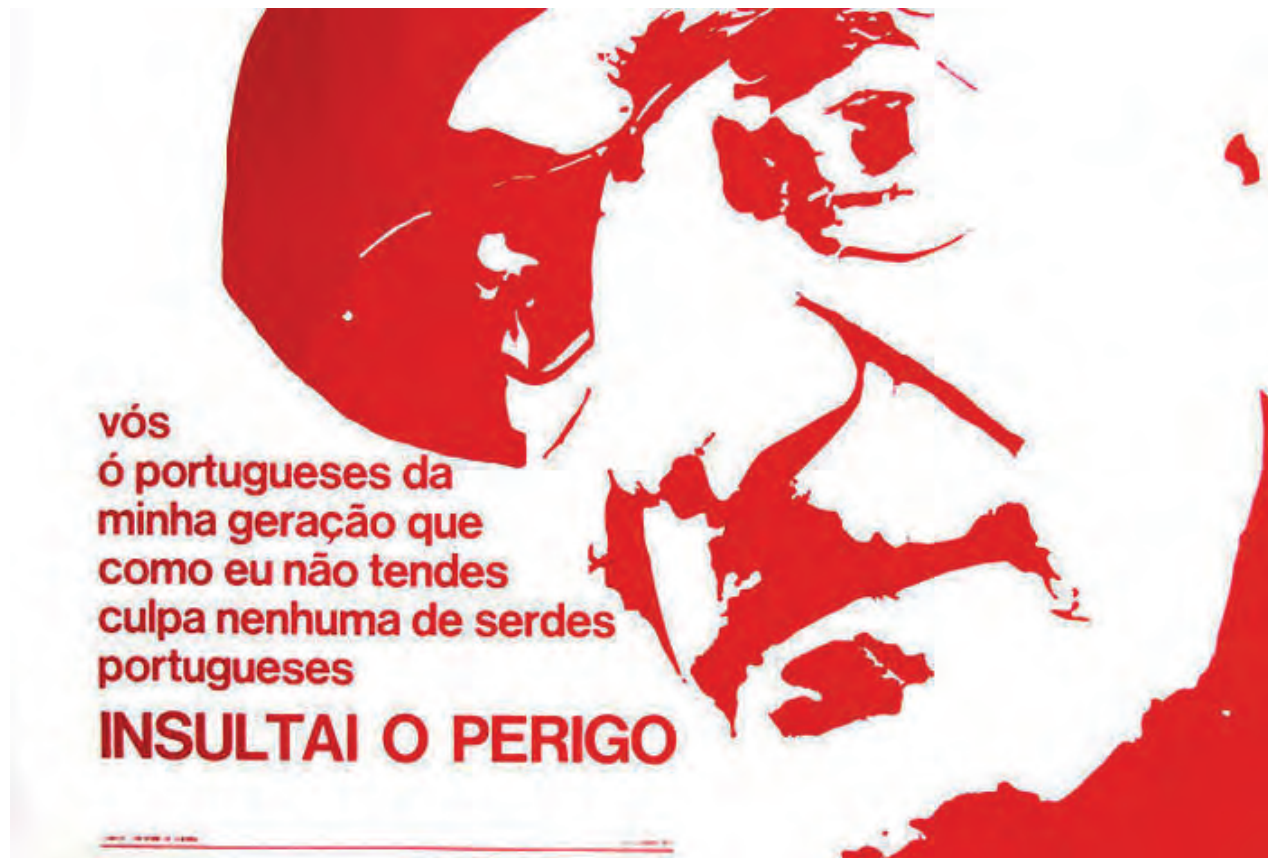
de José de Almada Negreiros

Portugal, 1934 – 10 min / mudo, intertítulos em português, legendados em inglês
duração total da projeção: 75 min | M/6

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E ACOMPANHAMENTO AO PIANO

Georges Méliès foi, para Almada, um dos grandes génios do cinema. Nas suas maravilhosas “féeries” encontramos vários dos motivos presentes no trabalho de Almada, que convocamos para esta sessão através de LA LANTERNE MAGIQUE, filme animado por um Pierrot que nos leva às origens do cinema. Inteiramente realizado em sombras chinesas num verdadeiro prodígio de artesanato, DIE ABENTUEUR DES PRINZEN ACHMED relaciona-se muito diretamente com seis quadros para lanterna mágica com desenhos recortados e pintados por Almada Negreiros, parte integrante da obra de 1929 *La tragedia de Doña Ajada*, que tinha também uma componente musical e outra literária. Os desenhos foram fotografados em placas de vidro pintadas, descobertas já depois da inauguração da exposição na Gulbenkian e são apresentadas pela primeira vez desde essa altura em projeção através

de uma lanterna mágica. A encerrar a sessão, O NAUFRÁGIO DA ÍNSUA, falsa lanterna mágica ou falso cinema produzido por Almada para animar as noites das férias em Moledo em 1934, cujos 64 desenhos de grande formato foram transpostos para vídeo.



vós
ó portugueses da
minha geração que
como eu não tendes
culpa nenhuma de serdes
portugueses
INSULTAI O PERIGO



Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | Fax 213 523 189
cinemateca@cinemateca.pt | www.cinemateca.pt

cinemateca

Programa sujeito a alterações.

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros. Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas -> 65 anos - 2,15 euros.
Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros.
Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262.

Horário da bilheteira: Segunda-feira/Sábado, 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00
(Cinema na Esplanada até 22h30).

Venda online em cinemateca.bol.pt | Não há lugares marcados.
Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266.
Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC.

Biblioteca: Segunda-feira/Sexta-feira, 12:30 - 19:30

Sala 6 X 2, Sala dos Carvalhos e Sala dos Cupidos:
Segunda-feira/Sexta-feira, 12:30 - 19:30 - entrada gratuita

Livraria LINHA DE SOMBRA:
Segunda-feira/Sexta-feira, 13:00 - 22:00, Sábado, 14:30 - 22:00
Espaço 39 Degraus: Restaurante-Bar:
Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida | bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745